



22ª edição

Marcia Kupstas

Histórias da turma

Ilustrações: Evandro Luiz

Conforme a nova ortografia



Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix

Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros

Revisão • Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.) / Elza Gasparotto / Célia Camargo / Debora Missias / Renato Colombo Jr. / Camila Santana / Edilene Santos

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Supervisão de arte • Marco Aurélio Sismotto

Diagramação • Edsel Moreira Guimarães

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Coordenação eletrônica • Sílvia Regina E. Almeida

Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar • Isabel Cabral

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Kupstas, Marcia

Histórias da turma / Marcia Kupstas ; ilustrações Evandro Luiz. –
22. ed. – São Paulo : Atual, 2009. – (Entre Linhas: Adolescência)

Inclui roteiro de leitura.

ISBN 978-85-357-0605-5

1. Literatura infantojuvenil I. Luiz, Evandro. II. Título. III. Série.

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Copyright © Marcia Kupstas, 1989.

SARAIVA S.A. Livreros Editores

Rua Henrique Schaumann, 270 – Pinheiros

05413-010 – São Paulo – SP

Fone: (0xx11) 3613-3000

Fax: (0xx11) 3611-3308 – Fax vendas: (0xx11) 3611-3268

www.editorasaraiva.com.br

Todos os direitos reservados.

22ª edição/6ª tiragem

2012

Visite nosso *site*: www.atualeditora.com.br

Central de atendimento ao professor:

0800-0117875

A HISTÓRIA DAS *HISTÓRIAS DA TURMA*

Histórias da turma me desperta lembranças muito queridas, que gostaria de dividir com você. Estão aqui reunidos textos publicados pela revista *Capricho*, nos longínquos anos de 1987 a 1989. Antes disso (antes até mesmo do lançamento do meu primeiro livro, *Crescer é perigoso*, em 1986), eu já colaborava com contos avulsos para essa que era conhecida como a “Revista da Gatinha”. Um dia, sugeri à editora da *Capricho*, a Célia Pardi – uma profissional maravilhosa –, histórias sequenciais, com um mesmo núcleo de personagens que se repetisse nas edições mensais da revista. Ela topou. Então consultamos as cartas das leitoras, levantamos temas que seduziam as garotas da época, planejamos o ataque e surgiu *Histórias da turma*, sobre um grupo de adolescentes que mora no mesmo prédio, em São Paulo: Regina, Débora, Kátia, Karen, Norberto, Carlos, Newton, Carolina, Paulo e Rosane. Esses dez seriam os principais participantes das aventuras, com assuntos jovens: relação pais e filhos, namoro, irmão implicante, ciúme da amiga bonita, racismo, violência urbana...

O projeto inicial teria a duração de um ano, ou seja, doze edições da *Capricho*. Porém, quando saiu a primeira pesquisa com as leitoras, foi surpreendente a votação de *Histórias da turma* como uma das melhores seções da revista. E o sucesso continuou, por mais dois anos.

A participação das leitoras foi também um ponto forte desse projeto. Surgiam pedidos de dedicatória, meninas que gostariam de que eu as colocasse como “personagens” da série (fiz isso algumas vezes, com “amigas” que visitaram a turma aqui e ali, com o nome real de alguma leitora), sugestões de temas, comentários sobre esse ou aquele enredo... Enfim, *Histórias da turma* foi mais do que uma seleção de contos. Foi uma novela-de-tevê-sem-ser-na-tevê, interativa; um retrato do jovem da época.

Agora, revendo o livro para uma nova edição, confesso que me emocionei. Muitas histórias mantêm o frescor das ansiedades juvenis com a mesma intensidade dos anos 1980 (e talvez esses temas sejam eternos, não é mesmo?), mostrando a tensão do relacionamento familiar; a dúvida e o medo de assumir um namoro mais exclusivo; as dificuldades em aceitar pessoas que são ou se comportam de maneira diferente do grupo; o desafio de planejar a carreira ou prosseguir nos estudos.

Encontrei também temas que eram incômodos na época e talvez sejam menos, hoje. Confesso que meu primeiro impulso foi suprimir essas

histórias; depois, refleti e achei que seria um desserviço com o leitor atual. Se a jovem dos anos 1980 sinalizava como problema a dificuldade em lidar com irmãos possessivos ou com os receios em iniciar uma vida sexual, isso deveria permanecer no livro. Até como retrato de época e reflexo do que se pensava a respeito. O leitor de hoje pode questionar essas dúvidas ou talvez descubra que esses assuntos continuam incomodando... era justo deixá-los inteiros, no livro.

Revisei alguns recursos de estilo, suprimi algumas citações ou gírias datadas, sintetizei alguns contos, mas, no geral, as *Histórias da turma* continuam como eram na época do lançamento. Saíram das páginas coloridas da revista *Capricho* e se fixaram para sempre em livro, para você, leitor, conviver com as personagens, com a intimidade de quem saboreia as aventuras uma após a outra, como se bisbilhotasse o diário de um colega ou também fizesse parte de um grupo tão interessante de pessoas.

Mantenho aqui um agradecimento carinhoso a tantas pessoas que fizeram parte do projeto, na época: à equipe da *Capricho* – Célia Pardi, Isabel C. Vieira e Ângela Ziroldo. Aos ilustradores Walter Ono e Cláudia Scatamacchia. E ao pessoal da Atual Editora, especialmente a Sonia Junqueira, que apostou na edição deste livro da turma que tanto sucesso fazia nas bancas de revistas.

Boa leitura, amigo(a). E um abraço carinhoso da

Marcia Kupstas

Sumário



Noite mágica	7
Irmão é pra essas coisas?	11
A gorda	16
Pai-monstro	20
Um negro amor	24
Botar ordem na vida	30
Metaleiro perigoso	36
Pesadelos	44
Um amor que volta	52
O encontrão	58
Caminhos	65
<i>Aloha</i>	71
O fantasma	77
Almofadas	82
Cerimônia <i>dark</i>	90
Força jovem	95
<i>Love-love-love</i>	101
Os quatro mosqueteiros	107
Paixões em família	113
Explosão de desejo	119
A autora	125
Entrevista	126

Noite mágica



Não ter a menor vontade de ficar em casa. Não ter a menor vontade de sentir o quarto vazio, o silêncio. Mesmo que ligasse o rádio no maior volume, ainda assim os soluços iam fazer eco, por todas as paredes. O pior era saber que não estava sozinha, que não poderia conversar. A mãe não iria conversar com ela; não dizia que ela – Bete – era apenas uma criança? Crianças foram feitas para serem protegidas, poupadas. A mãe sempre a poupava e cuidava dela. Mesmo que tudo estivesse caindo, quebrando.

Bete aguentou o silêncio e o medo até quando deu. Depois, tentou dividir as tristezas com Kátia, vizinha do andar de baixo.

– Entra, Bete. A gente tá jantando... Você já jantou?

– Já – mentiu Bete. – Eu fico na sala.

– Que isso! Pega pelo menos a sobremesa. Mamãe fez um pavê “daqui”.

Bete sentou longe, na outra ponta da mesa. A mãe de Kátia lhe ofereceu por três vezes a sobremesa. Karen, a irmã, desandou a correr para o telefone, largando tudo – era seu namorado. Seu Valdir, o pai, tão simpático de bermuda e cabelo úmi-

do, gozava do jeito desastrado da esposa de servir pavê. Eles pareciam tão bonitos, tão felizes... Por que tudo corria bem na vida de Kátia? Bete se sentiu mais infeliz, mais sozinha. Quase chorou. Disfarçou a voz rouca falando muito depressa:

– Eu esqueci um negócio em casa. Depois eu volto.

Não voltou. Kátia é que precisou achar a amiga, minutos depois.

– Pô, o que deu em você, Bete? Sair correndo? – Kátia olhou em volta de si, o apartamento na penumbra.

– E a sua mãe, não está?

– Lá no quarto.

– O seu pai?...

Uma pergunta e uma insinuação. Bete deu de ombros, abaixou os olhos. “Iiiiiih, aí tem coisa”, Kátia pensou. Muito mais coisa do que poderia imaginar naquele momento. Só ficou olhando para a amiga, o cabelo curto, o rosto, os olhos. Os olhos? Molhados.

– O que foi, hem? – Kátia falou baixo, pegou na mão da amiga.

– Você sabe, Kátia. Todo mundo sabe, eles só brigam. Eles pensam que eu sou boba. Que não enxergo. Mas eles... – Aí, sim, o choro.

Kátia abraçou a amiga; o cabelo comprido ficou no meio das duas, suavemente se deixando molhar.

Um bom tempo as duas ficaram abraçadas. Na cabeça de Kátia, uma mistura de raiva e tristeza. Muita raiva de dona Marta, sempre tão solene, tapando sol com peneira, todo mundo vendo o pai de Bete chegando tarde, as discussões... e no dia seguinte dona Marta com o rosto escondido na maquiagem, o jeito de impor o “ninguém tem nada com nossa vida”.

Nem a filha tinha algo a ver com a vida deles.

– Dessa vez é pra sempre, Kátia. Eles falaram em divórcio. Eu já estava dormindo, mas ouvi a briga... Aí o pai saiu. Mamãe se trançou no quarto. Eu queria falar com ela, mas ela só disse que era hora de criança estar na cama... Não sou criança. Eu queria tanto que ela... – Olhos úmidos de novo, um carinho no cabelo de Bete.

O apartamento na estranha penumbra, apenas uma luz acesa no corredor. Eram mais de sete da noite.

– Você precisa falar com ela, Bete.

– Pensa que eu não tentei? Você conhece minha mãe... Está lá no quarto. Me viu chegar da escola, falou que tinha dor de cabeça e se trancou no quarto. Prefere me deixar sozinha a dividir sua tristeza comigo... Só vai aparecer quando tiver se maquiado, colocado salto alto... pra dizer, como sempre: “É briga de casal... Acontece com todo mundo...”.

Pausa comprida. O relógio da sala deu uma só badalada: sete e meia? Bete suspirou.

– Mas dessa vez ele falou em divórcio. Antes, ele nunca disse isso. E não voltou. Saiu ontem e não voltou.

Kátia andou pelo apartamento, mexeu numa coruja de cristal sobre a escrivaninha. Coçou a cabeça. Detestava tudo aquilo que não tivesse uma solução imediata. E o caso de Bete – melhor, dos pais de Bete – parecia absolutamente sem solução.

– E se a gente falar com a mãe da Débora?

– A Míriam? E por quê?

– Poxa, ela é divorciada... sei lá. A Débora me parece tão tranquila, a Míriam é legal... a mãe mais legal aqui no prédio. Bem que ela podia dar um toque na sua mãe.

– Conversar com mamãe? – Bete se ajeitou no sofá, o rosto moreno com um leve rosado. – Você sabe o que minha mãe acha da Míriam? Só falta dizer que é piranha.

– Sua mãe, também, hem? – Kátia segurou a vontade de dizer o que achava de dona Marta. Hipócrita, insensível, burra. Não via que a filha não era mais criança, não via quando precisava pedir ajuda, parar com orgulho besta. Quando devia perder a pose e...

Crescer. Isso Kátia falou, apesar de ela mesma ter apenas dezesseis anos. E começou a discar o número do telefone de Míriam, a mãe legal, a divorciada que poderia ajudar Bete. Discou; o telefone chamou pela primeira vez.

– Você acha que a Míriam vai falar comigo? – disse Bete.

– A Miriam não precisa falar com você, Bete. Mas eu preciso.

Kátia bateu o fone; as duas surpreendidas com a presença de Marta. E mais surpresas pela camisola, o rosto sem maquiagem, pálido, o cabelo enrolado em coque. “E um sorriso estranho nos lábios”, pensou Kátia. Porque pela primeira vez parecia sincero.

– Mãe, a gente não ia falar com a Miriam pra te provocar.

– Não se preocupe, filha. Eu ouvi... Vocês estão certas. Eu precisava muito conversar com você. Você cresceu, Bete. E acho que a única pessoa que não percebeu isso fui eu.

Bete ficou vermelha, o rosto queimando, uma vontade ardida de chorar. A mãe sorriu, outra vez o sorriso fundo, vindo de um lugar desconhecido. Lugar desconhecido de sua filha, de todos.

– Tenho tanta coisa pra conversar com você, Bete... sobre nós. Sobre seu pai. Se você vai morar comigo ou com ele.

– É verdade, então?

– Não fica desse jeito, filha. Talvez seja melhor, talvez eu não precise mais fingir que nós nos damos bem, que não brigamos. Quem sabe isso tudo até ajuda a gente a ficar mais amiga...

Dona Marta chegou mais perto da filha. De um jeito quase desajeitado, ensaiou um abraço. Kátia se sentiu sobrando, tão surpresa com a mudança, ou com a penumbra, a cena: mãe e filha abraçadas como se fizessem parte de um quadro. Foi saindo devagarinho, pra não quebrar a magia, o desenho. Estava girando a maçaneta; ouviu:

– Kátia?... Sabe, qualquer hora dessas eu gostaria de conhecer a Miriam. Você me apresenta?

– Claro, dona Marta.

– Marta. Quem sabe, eu descubra por que ela é a mãe mais legal do prédio, como você falou.

Kátia desceu pelas escadas, devagar. Com a estranha sensação de que existem noites mágicas. Decisões, amizades. E a profunda certeza de que a amiga não ia ficar sozinha aquela noite. Podiam ser apenas duas mulheres em um apartamento, entre um monte de decisões. Mas não estariam mais – talvez nunca mais – solitárias.

Irmão é pra essas coisas?



Newton torcia as mãos. Gaguejava. Por três vezes começou a falar e por três vezes pediu desculpas e voltou ao começo. Kátia olhou para o relógio. Débora disfarçou um bocejo. Carol deu força, pela terceira vez:

– Tudo bem, Newton. Não esquentá. Começa de novo.

– A minha pesquisa com fósseis apresentou um resultado interessante... – Pigarreou. – Bem, as diatomáceas, como sabe, são algas revestidas de sílica e ... – Deu uma olhada no papel. Suor na testa.

– Olha, Newton – Débora levantou, pegou a bolsa, ajustou o cabelo –, adoro você, mas já me enchi com essa diatomaceia e tal.

– É diatomácea – corrigiu ele.

– Por aí. Seu seminário vai ser ótimo, mas não tô cursando Química e não dá pra entender. Não fica magoado, mas é hora da janta.

Kátia aproveitou a “deixa” da amiga e se mandou junto. Carlos apareceu com um tapinha no ombro:

– Tá legal. Relaxa e faz de conta que a classe é a turma. Aí vai bem. – E, como tinha reunião no PT mais tarde, foi embora.

Bete conseguiu uma desculpa; virou-se para Carolina, mas ela resolveu ficar. Apenas Carol e Newton, na sala do apartamento do “cientista maluco”, além de quinze caixas de fosséis.



– A Carol não veio? – perguntou Kátia, esperando o elevador.

– Deve adorar cientista maluco. Ainda aguenta outra aula – falou Bete.

– Sabe o que eu acho? – Kátia deu um piparote no chiclete, que voou pro lixo. – Bete, pra mim a Carol tá a fim do Newton. E eu só quero ver o que o irmão dela vai falar disso.

– O Paulo? Ele ainda acha que a Carol brinca de boneca. Mas será mesmo, Kátia?

– Ah! Eu não tenho dúvidas! – E Kátia apertou o botão do elevador, muito certa sobre o que afirmava dos corações humanos.



No apartamento de Newton, a conversa não era sobre corações humanos, mas sobre fosséis e Química.

– O seminário tá muito chato, Carol? Quer dizer, nem você nem a turma conhecem Geologia, mas será que eu consigo?

– Confio tanto em você, Newton... – Carol sorria pelos olhos brilhantes. – Você vai ao aniversário da Regina, no sábado? Vai ser aqui no salão de festas. Meus pais me deixaram ir.

– Claro. O Carlos já me convidou.

– Preciso ir. Na festa você conta do seminário.

Carol estava tranquila. Era difícil vê-la à vontade como ficava quando estava perto de Newton. Ele sorriu, sem saber se dava ou não um beijo no rosto da garota. Fizeram um tchau,

de longe. Quando a porta fechou, Carol mandou um beijinho. Mas só depois que a porta foi fechada.



A decoração tinha de ser azul, porque Regina descobrira numa revista de horóscopo que essa era sua cor de sorte. Então, os pôsteres na parede tinham fundo azul, as flores eram azuis... e até o seu vestido, recebendo os convidados, às dez da noite. Já havia gente dançando, conversando. A turma começava a chegar.

Carolina fora uma das primeiras. Usava um vestido novo, o batom emprestado de Débora (sua mãe proibia que “crianças” usassem maquiagem). E muito nervosa.

– Você viu meu irmão, Débora?

– Não, Carol. – Era a terceira vez que respondia a essa pergunta. – Ele nem vai vir. Você sabe como ele esnoba a gente.

– Ah, você não conhece o Paulo. Ele não vem aqui se divertir, mas pra me controlar. Você acredita que meu pai me deixou vir, mas o Paulo regulou a hora de voltar? – Carol ficou triste, abaixou os olhos.

– Carol, você tem de se impor. Ninguém dá liberdade. Isso não existe. A gente é livre se brigar por isso.

– Pra você é fácil; sua mãe é legal. Mas comigo...

Kátia apareceu, de minissaia e aplique no cabelo. Ficava com uma trança compridíssima. Ia dar uma voltinha, se exibindo, quando chegou Newton. Pra espanto das meninas, com um vi-su-al... O cabelo cortado, camisa de manga curta e suspensório. Além de uma gravata. Uma mistura de garoto na moda e figura antiga, cavalheiro. Kátia olhou bem pra Débora, as duas olharam para Carol, que olhava pra Newton...

Começou a tocar *London, London*. Kátia deu uma escapada; foi dar uma volta. Débora deu um jeito de dançar com um loirinho. Ficaram Newton e Carolina. Carol fechou os olhos.